

# A DROGA HI-TECH

## A Internet como fator de construção da imagem do homem nos anos 90

ANGEUKE FRIAS, LUCIANO PÉREZ, RODOLFO SAUER E ROSA MININE

A imagem de um adolescente cheio de espinhas, óculos fundo de garrafa, coleção de *playboys* no armário e muitos algoritmos na cabeça podia ser aplicada tranquilamente ao informata típico de poucos anos atrás. Computadores não eram assunto de leigos. Expressões como “delete”, “importar arquivo”, “disco rígido” e “memória RAM”, entre tantas outras, soavam tão familiares para a maioria das pessoas, quanto o grego de Sócrates e Platão. Hoje, a coisa já não é bem assim. A difusão em massa dos computadores e mais recentemente a Internet trouxeram novas perspectivas. Computadores já não falam mais de si mesmos, tomaram gosto por assuntos bem mais interessantes e variados. Falam de arte, culinária, sexo e tudo o mais que couber no disco rígido de cada um de nós.

Mas nem tudo são flores neste jardim de bits e bytes. Como nos ensina o sociólogo e historiador da ciência, o francês Pierre Lévy, não há razão para “diabolizar” o virtual. Mas há razão em preocuparmo-nos com “seu parente mais próximo e ameaçador: a alienação”.

### Silicon Valley: o lar dos primeiros informatas

Uma incursão por aquele pequeno e inacessível mundo de que falamos no primeiro parágrafo - o dos informatas - já começa por desfazer certos estereótipos, e o primeiro deles é o do adolescente cheio de espinhas. A fauna aí é na verdade bem mais variada, e até mesmo surpreendente. Robert X. Cringely, autor do bestseller *“Accidental Empires: how the boys of Silicon Valley make their millions, battle foreign, and still can't get a date”*, livro que conta a

história das empresas que hoje são gigantes da indústria da informática, acredita que existam basicamente três “sub-espécies”, como ele chama, de programadores: os *“lumpenprogramers”*, que são aqueles que passam a vida em grandes companhias debruçados sobre computadores *mainframes*; os *nerds*, que são os tais que não conseguem encontros e que não diferem muito da descrição que fizemos; e finalmente... os *bippies*. Isso mesmo: *bippies*. Para nossa imagem de um cabeludo de camisa indiana, naturalista, maluco beleza, criando cogumelos em Mauá, pode parecer absurdo, mas a verdade é que existe rebeldia em *Silicon Valley* também. Ou pelo menos em São Francisco, berço da contra-cultura americana. Lá, Allen Ginsberg, nosso *“Junkie Godfather”* (algo como “o avô dos doidões”, em português), um dos pais da *Beat Generation*, e C++, uma linguagem de programação, convivem muitas vezes na mesma sala, e sem problemas. Se existe alguém que representa exemplarmente este tipo, este alguém é Jaron Lanier, um “maluco beleza” membro do *The Well*, comunidade que abriga boa parte dessa e de outras pessoas envolvidas até à raiz na história da computação. Trata-se de um personagem que merece destaque neste faroeste da competição desenfreada que é o Vale do Silício. Tentou, na década de oitenta, “tocar sua firma com a ética que ele entendia ser a correta, pensando no consumidor como um ser humano”, segundo nos conta Beth Ferreira, em fórum de debates no



O problema não será mais estar conectado, mas conseguir se desconectar.

Estação Virtual. Hoje é considerado uma espécie de artista da Realidade Virtual e dedica-se a dar palestras e fazer coisas como música para cogumelos. Para conhecer esta figura de longos cabelos rasta-fári, recomenda-se uma visita a <http://www.well.com/user/jaron/index.html>.

Boa parte da história do computador pessoal aliás, está ligada a um movimento de rebeldia. Lembremos que nos anos cinquenta, computadores eram máquinas enormes, caríssimas e difíceis de operar. Eram exclusividade dos governos e das grandes corporações. Houve gente, como um certo Norbert Wiener, o criador da cibemética, que não viu com bons olhos esta exclusividade. E a resposta dessa gente veio na década seguinte: chamava-se PC. Não se trata aqui de atribuir exclusivamente à este espírito o desvio de rumo na história da informática, o que obviamente seria muita inocência. Mas ele estava presente, e está até hoje, em grupos ativistas dos direitos do cidadão no Ciberespaço, o mais atuante e conhecido dos quais é sem dúvida o “Electronic Frontier Foundation” (<http://www EFF.org>).

Chegamos ao ponto em que se faz

necessário acrescentar um novo personagem à esta fauna *microira*: o *hacker*. Para sermos mais precisos, façamos primeiro uma pequena distinção (antes que algum deles leia estas páginas): *hacker* não se confunde exatamente com *cracker*. O primeiro invade computadores alheios, isto é certo, mas não o faz movido pelo interesse de obter lucro (com cartões de crédito e senhas roubadas), ou ainda para simplesmente apagar arquivos e danificar computadores. Ele o faz por curiosidade, movido muito mais pelo desafio - e existe gente assim, é verdade. Já o *cracker*, antes de arrumar emprego em alguma grande empresa preocupada com a segurança de seus dados, não possui esta ética. Rouba e destrói, às vezes pelo puro prazer de perturbar a vida dos outros mesmos. Em algumas situações, é difícil separar uns dos outros. Ambos são descendentes de um outro espécime, os *phreakers*, jovens viciados em violar telefones e conseguir ligações gratuitas - para eles, mas bastante caras para os verdadeiros donos dos telefones. Kevin Mitnick, o *hacker* (*cracker* para alguns) mais famoso do planeta, por exemplo, foi preso por roubar um *software* de telefone celular. A história do *hacker* é narrada em "The Fugitive Game", de Jonathan Littman, e sua defesa está na revista <http://www.2600.com/>. A história do *cracker* está em "Contra-ataque", livro de John Markoff, jornalista do New York Times, e Tsutomu Shimomura, *nerd* que comandou a verdadeira caçada *ciberespacial* que resultou na prisão de Kevin.

*Nerds, hippies, crackers e hackers* à parte, o mundo da informática, como dissemos, não é mais tão pequeno. À esta fauna podemos acrescentar agora mais um espécime bastante variado e de difícil definição: todos nós. A informática vai aos poucos saindo daquela caixinha branca para invadir todos os objetos e até mesmo, num futuro sabe-se lá o quanto próximo, nossos corpos.

## Do Vale para o mundo

Na Internet pode-se aprender qualquer coisa sobre qualquer assunto. Além disso, nunca é preciso estar sozinho, sempre haverá alguém também conectado com quem se comunicar, e isso é ótimo, perfeito.

Mas a Internet pode também ter

efeitos negativos, como alertam alguns psicólogos e estudiosos. Algumas pessoas acabam preferindo conviver com o computador, expandem seu mundo eletrônico, mas esquecem-se da família e dos amigos, isolando-se do mundo real. Amizades, namoros... só virtuais. É o caso de Paulo César Louzada, 29 anos, que substituiu o seu costureiro fim de noite no Baixo Gávea pelas horas na Internet. Segundo ele a Internet é bem melhor, pois além de ser mais seguro ficar em casa se divertindo, ou seja, não correr o risco de ser roubado ou morto por assaltantes, ainda dá a oportunidade de conhecer pessoas interessantes sem necessariamente se envolver com elas. "Na Internet eu conheço muitas pessoas. Início um namoro ou simplesmente um bate-papo, sem correr o risco de pegar Aids ou ouvir durante uma noite inteira uma pessoa que não se faz interessante. Se a menina não interessar eu desconecto", revela Paulo César.

**"Era muito mais interessante quando conversávamos na Internet. Podia mentir quando bem quisesse. Pessoalmente é mais difícil"**  
Patricia Santos

Já Patricia Santos, 22 anos, estudante de comunicação na UFRJ, tenta levar adiante suas amizades virtuais. Namorou recentemente uma pessoa que conheceu através da rede, e no momento está se correspondendo com um rapaz da Bélgica, que pensa até em fazer uma visita ao Brasil. "A gente muitas vezes mente para a pessoa com quem está se correspondendo e dá uma descrição física diferente da real ou fala de qualidades que não possui. Quando a coisa começa a ficar séria entretanto, marcamos um encontro para conferir tudo", diz Patricia. O último namoro que teve na Rede durou oito meses via Internet e dois encontros pessoalmente. "Era muito mais interessante quando conversávamos na Internet. Podia mentir quando bem quisesse. Pessoalmente é mais difícil". Talvez pessoas como Patricia estejam fugindo de um contato físico ou não queiram de fato começar um relacionamento real.

Muitas pessoas chegam a acreditar que a Internet possa ter trazido um novo tipo de dependência, um vício. Radical ou não, a verdade é que novas tecnologias sempre causaram algum tipo de reação no homem.

Psicólogos afirmam que enquanto a TV foi altamente criticada por ser um entrave ao diálogo, a Internet reflete ainda mais o individualismo do homem contemporâneo. Alguns já admitem que a TV na verdade unia famílias, que se sentavam juntas para assistir programas e fazer comentários sobre eles durante os intervalos comerciais. Na Internet, ainda de acordo com estas pessoas, vale a máxima: "uma pessoa, um computador".

Segundo um artigo de Susan Griggs para a Base Aérea Americana, qualquer pessoa com acesso a um modem e a Internet corre o risco de se viciar na Rede. A psicóloga americana Dra. Nancy Wesson confirma a tese: surfar na rede pode ser um ato viciante como comer, trabalhar ou fazer exercícios físicos.

O anonimato permitido pela Internet pode ser a causa do comportamento compulsivo. As pessoas que se conectam se sentem aceitas por pessoas que nem conhecem. Este desejo de aceitação pode pôr em risco carreiras, saúde e relacionamentos reais. Ironicamente, dentro da própria Internet já existe tratamento para os viciados na rede. Várias páginas tratam do assunto, indicando psicólogos ou sugerindo exercícios que ajudariam o dependente em seu tratamento.

Inicialmente atraídos pela curiosidade, pelo medo de se sentirem "por fora", pela timidez, ou pelo desejo de aceitação, a verdade é que a Internet pode estar contribuindo para tornar o homem de hoje ainda mais individualista, alguém que já não sente tanta necessidade do contato físico. O virtual lhe basta. A pressa, o trabalho excessivo, a falta de tempo estão presentes no mundo atual. Este comportamento é perfeitamente retratado no filme "Denise está chamando" (*Denise calls up*) de Hal Salwen, que mostra um grupo de amigos que nunca se encontra e mantém seus relacionamentos apenas por telefone. Por telefone ou Internet, este homem existe e pode estar se tornando cada vez mais o modelo do homem dos anos 90. ◀